

Comunidade Portuguesa de Eubiose

**HOMENAGEM À VENERÁVEL
HERCÍLIA GONÇALVES DE SOUSA**



Olímpio Neves Gonçalves

~ g r a a l ~



HOMENAGEM À VENERÁVEL
HERCÍLIA GONÇALVES DE SOUSA

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

Homenagem a Hercília Gonçalves – 1ª edição
Revista Graal - Número especial

© Comunidade Portuguesa de Eubiose

Autorizada a reprodução parcial desde que citada a origem

Olímpio Neves Gonçalves

**Homenagem à Venerável
Hercília Gonçalves de Sousa**





INTRÓITO

Da historicidade e Tradição Iniciática Lusa

AS TRÊS MÃES DA OBRA

VIDA E OBRA DE HERCÍLIA

Dados biográficos
Mariz e o Paço dos Marizes
A obra e os seus Tulkus
Hercília Arauto da Obra

O MISTÉRIO DA IDENTIDADE DE HERCÍLIA

Lúcifer e os Assuras
Lúcifer - Goberum – Hercília

INTRÓITO

DA HISTORICIDADE E TRADIÇÃO INICIÁTICA LUSA

Existem três momentos que demarcam diacronicamente o destino do discípulo: um passado, um presente e um devir que se volverá um dia presente, e depois um passado no tempo. Assim se apresenta a dinâmica sequencial da história. Para que um discípulo esteja consciente de si, na plenitude possível, terá de integrar-se na sua historicidade.

A historicidade deriva da realidade factual dos eventos históricos. Mas a historicidade não se reduz à evidência primária de que existe um passado que conduz a um dado presente que persiste existencialmente e nos molda e nos remete para o futuro. A Historicidade é bem mais do que isto, é mais do que supomos que o presente é, apenas, algo que se passa e que este trânsito é não ser o que já foi, porque todo o presente resulta de eventos cujo primado lhe conferiram origem e substância.

A realidade histórica do Discípulo, “sua historicidade actual é a do homem que mergulha as suas raízes na circunstância”¹, o ente que toma consciência da sua realidade identitária, da seidade, enquanto factor de reintegração cósmica na sua metanóia, fazendo-o porque toma conhecimento dessa maravilhosa verdade espaço-temporal diacrónica, a trajectória dinâmica que define a historicidade. O ser humano, como entidade cultural e histórica, reduz-se à sua própria realidade processual.

Ora se o passado não pode ser recuperado factualmente, o discípulo só alcançará a consciência da sua própria identidade, só pode volver-se um ser histórico mediante a reconstrução do

que está para trás de si, esse elo temporal a que chamamos memória. A memória ilumina o presente e este indicia o futuro. O homem, como mero ser sem memória, é como um seixo perdido na extensão arenosa do deserto, carente de sinais que pontualizem o lugar onde permanece. Sem passado, o Discípulo volve-se numa criatura errática, uma vivência vazia de sentido. Porque um ente histórico é um ser individualizado, é ele e a memória que o distingue, a Tradição.

Tradição e memória são termos sinónimos na historicidade do homem e da comunidade social. Uma vez reconstituído, o passado permanece como tradição. Tradição corresponde a um pretérito redivivo, um legado, uma herança da nossa ancestralidade. Na tradição está o arquivo mnésico do indivíduo, da família, duma civilização ou duma cultura.

Tradição é permanência contextualizada, uma entelequia que actualiza a história e que erradica os hiatos possíveis na filogenia da linhagem. E é isto que justifica que uma Escola Iniciática seja tradicional e que sua egrégora mantenha a sua unidade coesa. E é isto que a distingue das que existem sem referentes de memória.

A Comunidade Portuguesa de Eubiose corresponde a um corpo orgânico em permanente evolução, num espaço e num tempo específicos determinados pela transmissão tradicional de uma Linhagem. O início do séc. XXI demarcará o tempo e o espaço da Lusitânia esotérica e determinará o seu devir próximo, as variáveis que a diferenciam de outros discípulos ou de outras pátrias ilustres.

Os filhos de uma mesma linhagem apresentam contudo índoles distintas, personalidades diferentes. Cada ser, cada instituição, cada egrégora grupal é impar. E assim são as nações. A nação tipifica o Indivíduo colectivo, padronímico, com sua memória, tradição, historicidade, enfim. Nenhuma nação se confunde



com outra, mesmo quando se encontram ou se entrecruzam seus caminhos.

É a nós, enquanto membros duma mesma egrégora pátria, a lusitana, que compete a reconstituição e o arquivo memorial da nossa tradição iniciática.

O processamento duma tal meta, implica por parte dos discípulos portugueses da Obra uma grande responsabilidade: perante os Mestres de Sabedoria e ante a grei a que pertencemos, tão amada do excelso Mestre JHS, em que Ele depositou tantas esperanças. Por isso faz-se mister que, ainda que à custa de muito labor, dignificando nossa Tradição Iniciática, também o dignifiquemos a Ele, reconstituindo seus ensinamentos dispersos, suas alusões sibilinas, ocultas ou desveladas, no pó da história do país em que nascemos.

Não compete a outrem tal incumbência – nem sequer a nossos irmãos do Brasil – e muito menos, a alguns dos nossos concidadãos que, expatriados voluntários nessa nação irmã, conduzidos por um devocionismo imaturo e ignorância estulta, postergaram para o limbo do esquecimento a Obra em Portugal².

E, no entanto, que esplêndido o acervo histórico-iniciático dos nossos anais ocultos! E, no entanto, quanta exaltação nas palavras do Venerável Mestre sempre que alude à natureza esotérica e à prevalência legitimada de tantos sucessos ocorridos neste solo luso, os quais determinaram e modelaram de forma decisiva a Obra dos Deuses, fundada na unidade fraterna das duas Pátrias Irmãs! Acaso não testemunha o próprio Mestre que a Obra nasceu em Portugal? E que o “pivot da Obra começa na Serra de Sintra”?

Mistérios e Mistérios. Alguns já desvelados. Outros à mercê da devassa sagrada por quem, despojado de qualquer egotismo profano, armado da sua espada de luz, se adense na floresta e ilumine as esfíngicas veredas... Sim, pois quando o Venerável Mestre afirma “Eu sou o maior dos absurdos” não circunscreve o seu discurso a mero jogo de palavras, antes menciona o rigor

metafórico exigido à assunção do seu ministério avatárico, substituindo o rosto da verdade pelo véu da alegoria.

A própria idiossincrasia dos altos mistérios exige a sua não contextualização em linguagem profana. Daí, o discurso alegórico, metafórico, tropológico de que se servem esotericamente os mestres excelsos nessa linguagem frequentemente designada como “Linguagem dos Pássaros”.

Reduzir o sentido simbólico dos ensinamentos do Mestre JHS à racionalidade do exercício dedutivo ou indutivo será tarefa árdua para o estudioso discípulo, passível de o conduzir por vezes, por ínvios caminhos e mesmo ao fracasso, se o recurso de chaves indispensáveis não lhe forem acessíveis, diante de um “corpus” de conhecimento saturado de hiatos, soluções de continuidade, contradições aparentes que parecerão raiar o absurdo.

O cômico investigador terá de munir-se de toda a sua humildade, de uma criteriosa capacidade de discriminação, sem olvidar jamais o que os mestres ensinam: que para alcançar a verdade mister se faz que se ultrapasse a mente, isto é, que o investigador provido haverá de aplicar no domínio gnoseológico, a Intuição, além da Razão.

AS TRÊS MÃES DA OBRA

No contexto materno-feminino da Obra do Eterno quis a tradição gratificar-nos com TRÊS MÃES DIVINAS, todas Elas consagradas, ao nível da humana personalidade, com a emblemática letra H em seus sacratíssimos nomes:

HERCÍLIA GONÇALVES DE SOUSA, HELENA IRACY e HELENA JEFFERSON DE SOUSA.

A letra H simboliza a “Árvore da Vida do Segundo Trono e expressa o terceiro vértice do Trigno das Águas Vivas”³. No Mundo da Glória a letra que o aspecta planetariamente é a consoante B. Astralmente, sua assinatura é de natureza lunar. A letra B corresponde ao arcano II do Tarot e tem origem nos alfabetos semitas, principalmente o hebreu.

Beth originou-se de um símbolo hieroglífico, conotado à “casa”, à “boca”, órgão pelo qual se manifesta a palavra como “a objectivação da ideia”.

Por extensão à noção de boca se relacionaram todos os conceitos que expressam os significados de “núcleo”, “templo”, “santuário”.

A segunda lâmina de tarot é conhecida como a “Suma Sacerdotisa”. É-lhe conferido o sentido da passividade que emana do binário, daí os conceitos de “reflexão” e de “mulher”. A Suma Sacerdotisa ou “mulher” apresenta-se coroada de uma tiara sobrepujada por um crescente lunar. É apresentada como uma verdadeira rainha, sentada num trono real, adornada com um símbolo de realeza, um véu transparente que lhe vela a face. Sobre os joelhos detém um livro aberto, mas semi-coberto pelo seu manto.

O segundo arcano simboliza a Mãe. No Mundo Divino é Ísis, como reflexo de Osíris. No Mundo Humano é Eva e, no Mundo Inferior ou Inferius, expressa a “Natura Naturata” capaz de manipular a substância plástica, de lhe conferir formas de gerar seres. O livro semi-cerrado ou encoberto indicia que os mistérios de Ísis são ocultos, mas que a Mãe os desvendará aos iniciados. Por isso, o seu véu não deve ser levantado pelos profanos.

Por causalidade, a letra H pronuncia-se “Agá” no sagrado idioma português, raiz do termo “Agá-r-tha”, sim, Clarion, Belovedye, Paradesha ou Paraíso, a passagem que a este conduz e à geração encarnante, por oposição à morte que desencarna⁴, lugar de proveniência das três Mães, as quais, por obediência ao Plano do Eterno, foram “trocadas “na face da terra, precisamente, como “Natura Naturata”.

AS TRÊS HELENAS configuram um triângulo feminino da Obra, em torno de um outro “H”, ponto central de emanção positiva e de fecundação: HENRIQUE ou EL-RIQUE, por oposição ou complementaridade com o trigno “negativo” ou passivo e genesíaco das três Mães.

Determinou o Plano Divino que estas três Entidades femininas, verdadeiros seres predestinados, tivessem vivido suas vidas humanas ligadas por laços indefectíveis de interdependência e inter-acção com Henrique, não só ao nível dos seus trajectos iniciáticos, mas familiares, cujo significado encobre ainda, e todavia, um manto de mistérios velados, que se entrosam na história da sua própria origem cósmica e, cujo acesso, ultrapassa sempre nossos parcos e modestos conhecimentos.

HELENA JEFFERSON FERREIRA substituída com poucos dias de vida pela filha do casal Henrique–Hercília, Helena Iracy, foi criada e educada como genuína filha (não obstante nunca ter sido perfilhada legalmente) por sua extremosa mãe adoptiva, Hercília Gonçalves de Sousa.

Da história de Helena Jefferson e seu roteiro espiritual na Obra e na Instituição, por tão difundida e conhecida, não

insistiremos. Bastará que se relembre que, na sua idade juvenil, já no ciclo de Dhâranâ, se ocupou do fogo sagrado do Templo como sacerdotisa. Após a morte de Hercília em 1931, a 4 de Abril de 1937 dá-se o enlace matrimonial civil com Henrique de Sousa. Com seus esponsais Helena adopta o apelido dos Sousas. Como segunda esposa de Henrique, Helena assume uma função iniciática como contraparte feminina ou SHAKTI de JHS, ou seja, um dos Devas-Pis.

Acentuaremos, contudo, a nossa convicção de que Helena, criada com seus irmãos adoptivos, não consanguíneos, no seio da família dos Sousa, e como testemunha dos extraordinários eventos que se foram sucedendo com Henrique e Hercília, somente após o consórcio com JHS se foi consciencializando da trama da Obra, na qual teria de desempenhar um papel fulcral.

Da leitura das “Efemérides da Obra” se depreende que só em 1924 (teria Helena 18 anos) após a fundação da obra em Niterói, o Mestre terá revelado que (e passamos a citar) “Helena era a verdadeira Guardiã do Fogo”, e que, ambos, “desde épocas que se perdem no tempo, Eles, Henrique e Helena, caminham juntos na mesma senda, e por isso conhecidos como “gémeos espirituais”.⁵

Helena Jefferson de Sousa, que deu quatro filhos a seu esposo, foi a representação humana da Mãe-Celeste, ALLAMIRAH, Shakti do 6º Senhor AKBEL a Quem coube a grave missão de seleccionar as mónadas do novo ciclo e julgar as anteriores⁶.

Desse maravilhoso ser que conhecemos como HELENA IRACY não obstante as referências credenciadas nas “Efemérides da Obra” e “Cartas Revelação” do Mestre, apenas poderemos cogitar da extensão esotérica da sua missão transcendente na Obra dos Deuses. A propósito da sua filha Helena Iracy, o próprio Mestre consigna estas palavras sibilinas: “... trata-se do caso da minha primeira esposa Hercília, da qual já se sabe ... o papel brilhante que ocupou na Obra. Além do mais porque

dela saiu a criança que deveria ser trocada ... criança que, em Duat foi ama ou preceptora de Akdorge e Akgorge..., e também do dos Avataras Maitreya e Mitradeva, cada qual que, desde aí, procure usar a sua inteligência e raciocínio, para desvendar o resto...”⁷

Após o nascimento do primogénito do casal Henrique-Hercília, de nome Alberto, a que se seguiu Isabel, aí por 1906 (Hercília contaria 20 anos) nasce a admirável criança que será crismada a 13 de Agosto com o nome de baptismo de HELENA IRACY GONÇALVES DE SOUSA conforme se conclui do texto transcrito, com poucos dias de vida é submetida ao metabolismo fenoménico das “trocas”, sendo substituída pela recém-nascida Helena Jefferson.

Iracy interioriza-se nos mundos internos passando por El Moro, seguindo para Duat, onde tem permanecido.

A esta Régia Entidade foi, como vimos, confiada a gloriosa missão de orientar os quatro excelsos seres: os Bodisattvas Akdorge e Akgorge, a partir de 1935, e desde 1949 o da educação dos Budas Celeste e Terrestre.

Mas Helena Iracy honrou a Obra como progenitora dos Yokanans Mário Lúcio e Maria Lúcia.

São conhecidas as visitas que, ao longo dos anos, na companhia dos Budas seus pupilos, fez a seu pai, entre outras, as de 17 de Junho de 1950, acompanhada pelos Yokanans Hélio e Henrique, e de 9 de Março de 1955, com a presença do Divino Rabi Muni, a de 25 de Agosto de 1958, em que Iracy entregou a seu pai um significativo “bouquet de flores”. Finalmente, a 21 de Março de 1963, Helena na companhia dos dois budas entregou o “Bastão de Comando do Ciclo” a Lorenza, Crivatza e S. Germain.

Os discípulos portugueses tiveram o privilégio de receber duas mensagens suas, uma em 19/12/1998 e a outra em 30/01/1999.

Eis que ressoa a voz de Agarthá ... Filhos, ouvi a voz da flor dourada, ouvi a voz, o aroma, o cheiro que flui do meu jardim ... Encontro-me junto das minhas flores e dirijo-me aos vossos corações. Eu, Helena Iracy, assessorei o trabalho do vosso Mestre por vontade d'Aquele que não tem nome. Olho estas flores e sinto o fio das vossas vidas ligadas ao longo das idades sem conta, Meus olhos ficam plenos de amor, e sinto uma grande alegria por ver que caminhais juntos desde há muito, um grande ponto de realização nos anais iniciáticos, na medida em que poucas são as almas que conseguiram alcançar o Caminho juntas. Eu, como vossa mãe, sentada no meu jardim, junto das minhas flores, medito sobre a humanidade e sobre os caminhos gloriosos que ela tem ainda para percorrer, associando os nossos esforços, filhos amados”

In “Anais Ocultos” 19/12/98

“Nossa Mãe Iracy ... está em sintonia e veneração com Sintra, pátria amada, ali onde foram mostrados ao mundo os gémeos espirituais, as duas crianças venusianas, como expressão andrógina do Eterno.

Vossa Mãe Iracy está hoje em consonância com a excelsa mente do Senhor Jovai, do seu muito amado filho e, por isso, assiste mentalmente a vossos rituais”

Idem 30/01/99

A magnífica Helena Iracy é a representação humana do Ishwara feminino da terra, e o 4º Planetário, Atlasbel, como Senhor do 4º Sistema.

Quanto à magnânima HERCÍLIA GONÇALVES DE SOUSA, “eis o grande mistério”, nas palavras do nosso venerável Mestre.

De nacionalidade portuguesa, partiu para o Brasil, mais especificamente, para a cidade da Baía, em circunstâncias ainda não esclarecidas, vindo a consorciar-se com Henrique José de Sousa, o qual, se substituiu a seu tulku Honorato.

O historial da Obra não nos deixa qualquer dúvida que um dos seus papéis iniciáticos seria o de substituir a “falecida” primeira Helena no acidente de Lisboa, como sua tulku. Sobre isto, o Mestre insiste nos seus registos. Hercília, conquanto jovem, estava perfeitamente ciente de todo o processo iniciático da Obra. Sua convivência seria totalmente incongruente senão impossível, na trama vivida com seu companheiro JHS.

Se é certo que a poucos discípulos foi dada a conhecer a sua verdadeira Identidade e qual a teia iniciática que conduziu Hercília ao Brasil, não podemos nem devemos iludir a realidade: em favor de um protagonismo crescente após a sua morte, que muitos discípulos devocionais, discípulos mesquinhos, sem grandeza espiritual, julgaram dever à segunda esposa do Mestre – sem dúvida merecedora de todos os encómios e celebrações – a memória de Hercília foi sendo relegada para as calendas de um mutismo comprometido e, depois consentido pelos pósteros, já descontextualizados da vivência cronológica e iniciática da sua Missão transcendente, numenal, da Obra do Eterno.

Um dos propósitos que nos induziu à investigação dos sucesos histórico-iniciáticos da venerável Hercília foi essencialmente trazer à luz, isto é, restaurar na sua possível integridade, a missão extraordinária que foi confiada pela Hierarquia a Esta nossa compatriota – de que saiu inteiramente vitoriosa – entre outras coisas, sua função manúsica e sua participação nos fundamentos do instituto eubiótico, como Dharâna e Sociedade Teosófica Brasileira, no âmbito da “missão Y”.

VIDA E OBRA DE HERCÍLIA

Dados Biográficos

A excelsa dama HERCÍLIA GONÇALVES⁸, segundo os dados oficiais nasceu a 29 de Agosto de 1887, presumivelmente no pequeno burgo do concelho de Barcelos, denominado Mariz⁹, quatro anos após o nascimento na Baía do seu futuro esposo, Henrique José de Sousa.

Tida como filha legítima de José Gonçalves (†1900) e de Custódia Gesteira (†1935). No entanto, em suas “Cartas Revelação” o Mestre questiona de forma inequívoca: Terá sido José o seu verdadeiro pai? E responde assertivamente: “Hercília foi uma criança trocada, nascida na Confraria de Kaleb, filha do Mestre Abraxis”.¹⁰

Hercília teve uma vida relativamente curta, de 44 anos apenas. Sua própria mãe lhe sobreviveu 4 anos. Faleceu no Brasil, em Belo Horizonte, a 18 de Julho de 1931, devido a insuficiência cardíaca, proveniente talvez de uma vida exaustiva de trabalho ao lado do Mestre e em prol da Obra, dos cuidados exigidos pela sua grande progénie e, até, das carências resultantes do segundo ciclo da sua vida, o “ciclo da pobreza”.

As “Efemérides da Obra” consignam que o seu casamento com o jovem Henrique se celebrou “aproximadamente” em 1903. Uma outra fonte¹¹ afirma que o consórcio terá sido efectuado no mês de Novembro ou Dezembro. Hercília perfilhou, então, o apelido dos Sousas. À data dos sponsais Hercília contava suas 16 primaveras e seu cônjuge 20 anos de idade. O casal

houve os seguintes filhos: o primogénito Alberto, Valter, Isabel, Helena Iracy, Carlos, Alina, Altair, Alzira e Selene. Mas tomou aos seus cuidados a criança trocada por Iracy, Helena Jefferson Ferreira, mais tarde segunda esposa de Henrique.

O casamento de Henrique e Hercília durou 28 anos, um ciclo de “IO”, extinguindo-se somente com o falecimento da Dama. Sabe-se que foi instigado pela Confraria dos Adeptos, através do Excelso Mestre Akadir, a fim de colmatar a perda de Helena no trágico acidente de Lisboa. Como que por coincidência, Hercília vivia com sua mãe “no 3º andar da rua Pilar nº 63”, isto é, um dos imóveis de que o pai de Henrique era proprietário, o armador Honorato José de Sousa.

Uma questão pertinente: Desde quando Hercília e sua progenitora viveriam na Bahia?

Não obstante os nossos reiterados esforços nestas e outras questões, não obtivemos resultados concretos, mesmo escrutinando todas as fontes possíveis, entre elas, o crédito abonativo de alguns irmãos da Eubiose do Brasil. Deste modo, referências às causas que determinaram as suas imigrações para o Brasil, em que ano e em que circunstâncias, não puderam ser obtidas por nós, pelo menos até agora.

De dois factos, estamos certos: de que se tratava de jovem predestinada e que, em 1903, residia na Bahia.

Neste contexto é muito plausível que seus supostos pais constituíssem mais uma peça na complexa trama do Plano pré-estabelecido pelos Mestres e que desse Plano estivessem conscientes.

Abonam esta conjectura a intervenção do Mestre Abraxis e o nascimento de Hercília, com todas as probabilidades na povoação de Mariz, desde a idade Média orbitando em torno do “Paço dos Marizes”. Neste sentido, não será de excluir a possibilidade de o pai de Hercília, José Gonçalves, estar afecto à Ordem de Mariz.

Uma outra questão oportuna: Qual seria o estatuto social de Hercília e de seus pais?

A Venerável Hercília Gonçalves de Sousa

Quando, em 1903, se celebra o consórcio de Hercília e Henrique, então na plenitude dos seus 20 anos, Hercília une-se a uma família e a um homem da mais elevada estirpe social e gabarito financeiro da Bahia, uma cidade borbulhante de vida intelectual, artística e cultural. Henrique era filho do conceituado capitalista Honorato José de Sousa e de Amélia Guerra de Sousa, ela mesma de alta linhagem portuguesa, de que descendeu igualmente o ilustre poeta Guerra Junqueiro. Seu pai Honorato, tal como seu avô Jacinto, grandes armadores da Bahia, eram Comendadores e Cavaleiros de algumas Ordens Iniciáticas em actividade no Brasil, entre elas a Ordem da Rosa e do Cruzeiro, ambas ligadas à Ordem de Aviz, e, segundo declarações do Mestre, com relações ocultas à Ordem de Mariz, por mediação discreta do Barão Henrique da Silva Neves, íntimo da família dos Sousa e Grão-Mestre da Ordem. Acresce que o Barão foi o pai adoptivo da malograda gémea espiritual de JHS, Helena da Silva Neves, criada sob os seus cuidados na cidade de Goa, Índia Portuguesa.

No solar da família de Henrique¹² onde hoje se situa o famoso Palácio da Aclamação que veio mais tarde a funcionar como palácio do Governo, hoje considerado “Monumento Nacional”, reunia-se a fina-flor dos mais ilustres políticos e homens de cultura, muitos deles ligados a instituições iniciáticas. O facto de Hercília ingressar em tão distinta e poderosa família, sem que tenha havido, que se saiba, qualquer questionamento de seus pais, o seu comportamento, como se verá, tão natural e espontâneo, familiar e social, numa sociedade requintada, que



O Teatro S. João na Bahia, já desaparecido



fora capital do reino, indicia a forte possibilidade de Hercília pertencer ao estrato mais elevado da sociedade baiana. É o próprio Mestre que, numa das Cartas Revelação, nos dá o testemunho disso: “Hercília, como minha primeira esposa ... apresentava-se a meu lado nos teatros e cinemas, que eram meus, ricamente vestida e coberta de jóias. Toda a plateia não retirava os olhos do nosso camarote”.¹³

Mariz e o Paço dos Marizes

A povoação de Mariz, marginada pelo aprazível e bucólico rio Cavado, situa-se em terras de Riba-Douro, no concelho da antiquíssima vila de Barcelos, algumas vezes designada como a Princesa do Cavado. Segundo os historiadores, Barcelos terá sido fundada pelos gregos em 1150 a.C. ou 1130 a.C. pelos Cílenos, Celtas Gauleses que ocuparam a região bracarense, donde sua etimologia: Bar-cilenos, de Bar que significa “filhos” e “cilenos”. Mais poeticamente outros atribuem o topónimo a uma velha barca que atravessava o rio, a “Barca Coeli”, a barca do céu. À fundação de Portugal Barcelos adquirira já um estatuto urbano de grande importância, pois a concessão do seu primeiro foral deve-se a D. Afonso Henriques.



Porventura, um dos mais significativos motivos emblemáticos da cidade será o seu “totem” semiótico, reconhecido “urbe et orbi” como o “galo de Barcelos”. Sobre este animal emblemático quanto haveria a dizer... Mas nós limitamo-nos a comentar que, antes de se alcançar Mariz, a cerca de quatro quilómetros da cidade, o arauto da liberdade anuncia da melhor forma a

povoação onde terá nascido a ilustre Dona Hercília Gonçalves: com o seu cântico matinal, o símbolo solar do “sol nascente” e da “ressurreição crística” evoca-nos a filha ilustre de Mariz, sim, porque o antropónimo “Hercília”, derivado do grego, significa “orvalho da manhã”.

A importância do Burgo era notória já no século XIII. Em 1220 é referenciada nas Inquirições de D. Afonso II, como uma paróquia de nome “De Santo Miliano de Mariz da Terra de Neiva”. Nas Inquirições de seu neto Afonso III surge como “Judicato de Nevia” item in Parrochia Sancti Miliani. Mas a história da povoação de Mariz remete-nos para os tempos da Idade Média, para os Suevos e para a Reconquista.

No século XVI, com a dinastia de Avis, a povoação e o seu Paço alcançam indiscutível prestígio, como se prova pela doação de D. João I a seu filho bastardo D. Afonso,¹⁴ aquando do seu casamento com D. Brites Pereira de Alvim, “filha do grande Condestável D. Nuno Álvares Pereira, a 8 de Novembro de 1401”¹⁵.

Entre os muitos assentamentos localizados no território, sucessiva e ocultamente ocupado pela Ordem de Mariz – sob a cobertura da de Avis – um dos seus Solares situou-se presumivelmente, e segundo indícios históricos, na povoação de Mariz. Ao tempo da fundação de Portugal já existia o Paço dos Marizes? É mister que se recorde que o paladino Afonso Henriques e seus barões mais íntimos eram iniciados na Ordem de Mariz, “os barões” assinalados a que alude o épico Luís de Camões.

Mariz deriva sua toponímia de uma linhagem nobiliárquica ou, o que parece mais credível, à existência primeva do Paço dos Marizes, ou, até, de ambas as coisas. Uma família, a de Mariz, com domicílio neste Paço?

Com algumas reticências, a história atribui a fundação do Burgo ao fidalgo Afonso de Nunes Mariz. Afonso de Nunes Mariz teve como ascendente Roberto Mengo de Mariz, coetâneo de D. Afonso Henriques. As crónicas referem-se ao cavaleiro Roberto de Mariz, o qual combateu a favor de Afonso VII

de Espanha ao lado de Sancho, o primogénito do nosso rei Afonso Henriques, facto curiosamente mencionado nos Lusíadas¹⁶. Todas as probabilidades apontam no sentido de que Roberto Mengo de Mariz tenha sido um cavaleiro da Ordem de Mariz, locatário do Paço. Roberto Mengo de Mariz casou com uma filha do alcaide-mor de Sevilha, que o cita no seu testamento. Pois bem, seu neto, Nuno Peres Mengo de Mariz casou com Iria Gonçalves Palomeque, de quem houve o referido Afonso Nunes de Mariz.

Os genealogistas avançam com uma hipótese suportada pela heráldica, que defende que o tronco dos Marizes “deve-se a Lopo de Mariz que teve seu solar no Paço de Mariz, freguesia de S. Emilião, do Concelho de Barcelos”¹⁷.

De seu filho António de Mariz descendeu seu neto Afonso Lopes de Mariz, a quem se deve o primeiro requerimento do Brasão de Armas a Filipe III de Espanha, segundo de Portugal, que lhas outorgou em 1634¹⁸.

No decurso dos anos o Paço dos Marizes passou por vários proprietários. O corógrafo Padre António Carvalho da Costa, em 1706, consigna na sua Obra que “é hoje Morgado dos Ferreiras o primeiro que desta família o habitou foi Álvaro Ferreira, filho segundo de Ayres Ferreira, senhor de casa e quinta do Casal dos Cavaleiros ...” A citação é importante, pois confirma a tradição de que o Paço dos Marizes o era de seus CAVALEIROS. A Casa dos Cavaleiros será adquirida posteriormente pelos actuais donos, os da Casa de Argemil ou Arzemil.

O vastíssimo terreno do Paço dos Marizes, foi, entretanto dividido em duas fracções fronteiras, devido à construção da Estrada Nacional (EN 103), que liga Barcelos à praia de Esposende. O solar propriamente dito localiza-se na margem esquerda da rodovia, com extenso domínio adjacente. Na margem oposta, vastos hectares são explorados pelos da Casa de Argemil.

Ainda nos inícios do séc. XX havia uma pequena capela privada do Paço. Entretanto demolida, não sabemos quando nem

porque desígnios, ainda podemos observar os tristes despojos líticos amontoados junto dos pavilhões agrícolas. Fontes internas dão-nos a notícia de que na capela do Paço figurava toda uma panóplia simbólica críptica, muito pouco ortodoxa e que ... no seu interior, num qualquer lugar, por ocultas razões, existia um busto de Hercília Gonçalves...

Não foi possível apurar se o actual edifício do Paço corresponde ao primeiro Solar. Por alturas de 1980, o Solar foi sujeito a obras de restauro. Sem dúvida, sua traça original terá sido profundamente alterada.¹⁹

A Obra e os seus Tulkus

Se consultarmos os ensinamentos e revelações do nosso Venerável Mestre JHS veremos que, no “Livro Síntese”, o Mestre desvenda que o Grande Projecto da Obra implicou o nascimento de um grupo de Entidades cuja função seria a de promover o incremento do Plano e o Advento do Avatara de Aquarius. As acções específicas deste grupo de consciências dividir-se-iam por duas áreas: um dos agregados agiria de forma endógena, isto é, no Brasil; o outro actuaria no exterior, em diversos países, de certo modo assumindo-se conscientemente como Yokanans à face da terra.

Chegada a hora cíclica, intensificada pelas poderosas correntes de energia do Novo Pramantha do Ocidente, através da Embocadura da Confraria Jina de Kaleb²⁰, no deserto da Líbia, exteriorizaram-se 14 prodigiosos seres, os quais foram “trocados” em sete países chaves²¹. Estas Entidades foram colocadas nesses sete países, a fim de que, alcançada a sua idade adulta, assumissem a direcção de outros tantos núcleos que contribuíssem para a vinda do Avatara, preparando o terreno para a sua recepção. De facto, deveriam exponenciar antecipadamente o trabalho dos futuros Sete Dhianis Jivas.

Este qualificado conjunto de seres dividir-se-ia em duas linhas de actuação: uma exerceria o múnus sócio-político e, uma outra, um trabalho de carácter mais institucional e doutrinário.

Em nota anexa²², identificaremos suas personalidades. Aqui, limitar-nos-emos à sinalização da primeira Linha, a que integra os excelsos tulkus dos Gémeos Espirituais, HONORATO JOSÉ DE SOUSA E HERCÍLIA GONÇALVES DE SOUSA. O Livro Síntese enumera os nomes de Rudolf Steiner, Evans Hook, Ferdinand Ossendowsky, Mário Roso de Luna e Jinarajadasa.²³

Enquanto o supracitado septenário se disseminaria pelo mundo, Honorato e Hercília firmar-se-iam no Brasil, onde se previa a eclosão da Obra, dando cobertura à parte objectiva e humana do Plano. Incumbiria aos Tulkus Honorato e Hercília a fundação de Dharâna ou, se quisermos, a Ordem do Santo Graal e a Ordem dos Tributários “criando as condições no Brasil e no Mundo para que, em 1949, a Obra anunciasse o Advento do Grande Senhor, o Monarca Universal ou Theotrim Planetário”.²⁴

Infelizmente, excluindo os tulkus Honorato e Hercília, que honraram a lei, as demais cinco entidades “trocadas” fracassaram na sua missão, preferindo investir numa caminhada individual, na qual quase todos se evidenciaram, efectivamente, como criaturas de destaque e grande projecção, justificando de qualquer modo sua proveniência de Kaleb.

Que aconteceria se este meticuloso Plano de articulação da Obra fosse bem sucedido? Os tulkus consagrados exerceriam a sua actividade no exterior. No Brasil, como dissemos, Honorato e Hercília não só fundariam estruturalmente a Obra do Santo Graal, sob a cobertura dos Doze Goros da Bahia, os denominados “Mantenedores dos mistérios do Graal no Ocidente”, preparando as condições físicas, psíquicas e mentais para o Advento do Avatara. Para além deste glorioso trabalho, na época vaticinada, em 1949, anunciariam os Gémeos Espirituais provindos do Oriente, “trazendo em seus braços o excelso Buda Maitreya...”. É isto, que o Venerável Mestre afirma

explicitamente, que convém que retenhamos: “Dona Hercília e o tulku da Bahia ...deveriam anunciar em 1949 os Gémeos espirituais ...De acordo com o plano original da Lei, após a ida para o Oriente em 1899, só retornariam com o Avatara em 1949. Mas esse Plano foi modificado pelo trágico acidente em Lisboa...”²⁵ O Livro Síntese consigna ainda: se o Plano inicial tivesse resultado, após o seu regresso do Oriente, em 1932, com a cobertura dos tulkus Honorato e Hercília, internar-se-iam no “País dos Jinas”, dando a conhecer ao mundo o nascimento de Maitreya em 1949.²⁶

Sim, o acidente de Lisboa que vitimou Helena da Silva Neves, o aspecto feminino dos Deva-Pis, alterou drasticamente o Plano inicial. Conquanto este episódio seja sobejamente conhecido dos Munindras, permita-se-me que, em favor de uma boa contextualização, recordemos o acontecimento em suas linhas gerais.

Em conjugação com o nascimento de Henrique, sua consorte espiritual, Helena da Silva Neves, proveniente dos mundos internos, foi entregue em 1883, na cidade portuguesa de Goa, aos cuidados daqueles que se volveriam seus pais adoptivos, o Barão Henrique Antunes da Silva Neves e sua esposa, a Baronesa Helena. O Plano, perfeitamente gizado, depunha nas mãos deste casal de aristocratas a grave responsabilidade da educação d’Aquela que deveria ascender à maternidade com o nascimento do Buda Mercúrio e teria como tulku de cobertura Hercília Gonçalves.

O Barão, grande armador português, tal como o pai de Henrique e seu avô o Comendador Jacinto, para além de grande amigo da família Sousa, comungava das mesmas actividades iniciáticas. Segundo nosso Venerável Mestre “era o Grão-Mestre oculto da Ordem de Mariz, com sede em Portugal”. À guarda e aos cuidados dos seus pais adoptivos, durante 15 anos, na Mansão Silva Neves, o “Palácio Apolo”, seu preceptor Gabriel, por outras palavras, o Dhiany Abraxis, ministrou-lhe uma primorosa educação até à sua deslocação para a Bahia.

Comunidade Portuguesa de Eubiose

Na hora precisa, de Maio para Junho de 1899, dá-se o encontro dos jovens Henrique e Helena no famoso teatro S. João, na Bahia, de que o pai de Henrique era proprietário. Uma Companhia infanto-juvenil, em que Helena participava como principal artista do elenco, mantinha em cena a peça “Tim tim por tim tim”.

Ouçamos as palavras esclarecedoras do nosso próprio Mestre numa das “Cartas Revelação”: “...ao chegar a Companhia Infantil na Bahia, de propósito para vir buscar o Homem, pois como se sabe, ambos (os gémeos) foram criados em separado, por duas famílias de armadores ... A vinda dessa Companhia custou uma grande fortuna, tanto ao Barão Henrique da Silva Neves, como a Mr. Ralph Moore. Sim, fomos conduzidos por Akadir, à presença da Mesma...”²⁷

A atracção profunda, irreprimível, do jovem Henrique pela principal protagonista em cena, Helena, mas com outro nome artístico, surgiu como um clarão arrebatador. Mas os sentimentos de Henrique foram retribuídos por Helena. Naturalmente, uma das razões dessa empatia dever-se-á ao facto de Helena estar devidamente instruída pelos pais e seu preceptor Abraxis, do desígnio que os unia e das razões transcendentais do seu encontro maiáxico.

Após o conhecido dueto cantado pelos dois, Henrique convidou o elenco da revista burlesca para gozar as festividades joaninas de 24 de Junho de 1899, na Ilha de Itaparica. Seu avô, o Comendador Jacinto, possuía aí uma bela fazenda “cujo fundo dava para a uma magnífica praia”.²⁸ Foi nesta estadia na Itaparica que Henrique foi informado do que estava decidido pelo Concílio dos Deuses. Helena “revelou-lhe que o verdadeiro motivo da sua vinda ao Brasil era encontrá-lo e falar-lhe da missão que ambos deveriam realizar”.²⁹



Praia de Itaparica

Como o próprio Mestre recorda,

conduziu Helena pelos recantos da propriedade. Os jovens sentiram-se num paraíso idílico na Ilha. Nas areias magníficas dessa praia, Helena amorosa e paciente, foi revelando toda a trama esotérica que os envolvia. Foi quando, de forma inesperada, uma dupla ocorrência, decisiva, determina o futuro de ambos. O ardor juvenil, o poderoso impacto da intimidade física e espiritual das Almas Gémeas cria o momento mágico: acontece o “Ritual Manúsico”³⁰, que na Tradição se conhece como a “1ª União Mística Narâda”. E logo, inesperadamente, ante os olhos atônitos e expectantes dos jovens, na crista de uma vaga enorme surge o ícone do “próprio eterno”, que, na forma de Neptuno, “abençoou os Gémeos”.³¹

O que podemos entender por “Ritual Manúsico” ou “União Mística Narâda”? Apoiemo-nos nas declarações do Venerável Vidal. Quando os dois jovens de “dezasseis primaveras” partem para Lisboa a caminho da Índia, Helena “... levava os dois Budas no seu ventre”.³²

E o Mestre revela “... a manifestação do Avatara... não podia deixar de nascer do encontro Henrique-Helena, na Ilha de Itaparica”.³³

Malogradamente, a feliz viagem para a Índia dos Gémeos é interrompida pelo trágico acidente da Rua Augusta, a 27 de Julho de 1899, em Lisboa. O auspicioso desfecho congeminado pela Confraria dos Mestres cai por terra. As forças adversas, incorporadas por um nirmanakaya negro, precipitaram os acontecimentos. A carruagem em que seguia Helena sofre um atentado numa das esquinas da Rua Áurea. Helena é trucidada pelo rodado do veículo. Celeremente, os Goros ligados à Sé Patriarcal de Lisboa, coadjuvados por alguns



cavaleiros da Ordem de Mariz, cuja “Albergaria” estava muito próxima ... conduzem o seu corpo exangue pela embocadura do Templo, para o Santuário no interior de Sintra. Todos os meios disponíveis são tentados para salvar a vida de Helena. O Mestre verte o seu próprio sangue. Em vão. Helena sucumbe. O Plano fracassa.

No “Livro do Graal” comenta acerca do acidente de Lisboa e suas consequências: “Em vez dos Gémeos virem com o filho do Oriente para Ocidente, no devido tempo, o Andrógino sozinho vai ter a Srinagar e a seguir, subterraneamente, ao Templo Tibetano, onde se processa o fenómeno paranishpânico com as sete srinagartinas, verdadeiras Plêiades ... para que, das mesmas, nascessem os 7 Dhiânis Jivas”.

Mas, não nos precipitemos.

As consequências do acidente foram desastrosas, de facto. Henrique e Helena acarinhavam o propósito de se consorciarem em Lisboa, pelas “leis dos homens”. Numa das suas Cartas³⁴ afirma o Mestre “...sim, porque se tal acidente não acontecesse, os gémeos teriam de se unir de acordo com as leis terrenas, servindo de Padrinhos o casal Barão Henrique e Helena da Silva Neves ... de acordo com o Poder Espiritual e Poder Temporal”.

Um outro efeito devastador foi o falecimento do Tulku de Henrique, Honorato José de Sousa, celebrado como At-Nat-Dwija, vitimado por repercussão hiper-física, ou seja um “pseudo-fenómeno de morte física”, impedindo o subsequente consórcio que deveria consumir-se com a jovem tulku de Helena da Silva Neves, Hercília Gonçalves, na cidade da Bahía.

Diante de tal quadro, a Hierarquia decide agir com celeridade, determinada a colmatar o desastre e o ressarcimento de tão infeliz conjuntura, no sentido de a reverter a favor do Novo Pramantha, reposicionando o Projecto Divino e provocando genialmente um SAQUE CONTRA O FUTURO³⁵

Em linhas gerais, foram tomadas as seguintes decisões:

A Venerável Hercília Gonçalves de Sousa

- Dada a impossibilidade dos Gémeos prosseguirem fisicamente o seu itinerário para a Índia, as Essências de Henrique e Helena são transferidos por fenómeno avatárico, para o corpo físico de S. Germain, o qual prossegue a viagem como Andrógino, para o Oriente, com sua comitiva, os Barões da Silva Neves, e o Dhyani Abraxis. A Essência de Honorato avatariza em Henrique.
- Contrariamente ao que estava previsto, o roteiro far-se-ia pela face da Terra, não por via subterrânea, a caminho do Cairo, Ceilão, Calcutá, Nova Dehli e Srinagar. No corpo de S. Germain, JHS alcançaria o Templo Tibetano de Lhang-Kang-Lhagpa, onde realiza sete rituais com as Plêiades.
- Dado o falecimento do seu Tulku Honorato, JHS regressaria à Bahia a fim de ele mesmo assumir a função que fora destinada ao malogrado tulku. Henrique passa a acumular a função de Honorato com a sua, isto é, como ele próprio afirma: volve-se Tulku de Si mesmo, assumindo o casamento com a Shakti de Honorato, a venerável Hercília. Henrique, segundo as cronologias, regressa à Bahia a 27 de Maio de 1900.

A revogação do Plano Inicial pelo Eterno teve consequências portentosas na aceleração evolucionar planetária: eventos iniciáticos previstos somente para o terceiro milénio, 3005, foram precipitados e antecipados cerca de 1000 anos. Ainda que aparentemente dramática a estratégia foi providencial. Assiste-se a uma extraordinária simbiose mágica de intercurso dos elementos componentes do 5º e 6º Senhores: a expressão do 6º Senhor assume a missão do seu tulku Honorato; a tulku Hercília, aspecto da shakti do 5º Senhor, destinada a Honorato, casa com Henrique.

Para além de estancar um previsível processo de entropia, a fusão vectorial dos dois Logoi abriu caminho à Rama Dourada do 6º sistema e incrementou os sete chacras universais, assim como a “prakritização”³⁶ dos Portadores das Vestes dos sete Bodisatwas da Quinta Raça-Mãe, os Dhyanis Jivas, que deve-

riam manifestar-se somente na Idade de Ouro, ou dos Andróginos, como cúmulo da vitória da Terra.

Nosso Senhor JHS deixou-nos um memorável e carinhoso texto de louvor aos sete Tulkus, que serão os futuros Dhyanis do Senhor Akbel no 6º Sistema. Consignaremos aqui, apenas seu texto de louvor a Honorato:

“Exaltado o excelso At-Nat-Dwija, primeiro tulku de Akbel. Sim, o primeiro dos duplamente nascidos no templo de Jara-Dharma, situado no Egito, mas na valiosa língua de Camões, e em relação com o trabalho deste primeiro Tulku, nome de Honorato, do latim Honoratus, Honorata, Honoratum ... O Honrado do Honrado e para o Honrado ...”

Hercília, Arauto da Obra

Admitimos, honradamente, que o mistério de Hercília Gonçalves de Sousa, criança nascida na Confraria Kaleb e trocada no lar de José Gonçalves e de Custódia Gesteira, ultrapassa nossas aptidões exegéticas e limites de investigação. Recordemos, no entanto, as palavras do nosso Mestre, quando Ele Mesmo afirma acerca de Hercília: “A mais secreta de todas as revelações ... sim que não pode ser dada com todos os detalhes, por assim não permitir a lei”. E continua: “A Vitória de Hercília por ter estado ao meu lado, por ser de direito, e de facto, o Arauto da nossa Missão, com um tulku meu (Honorato) mas, em verdade, ambos do 5º, é assombrosa”.³⁷

O protagonismo da história de Honorato e Hercília, o da intervenção dessas excelsas Entidades com suas tulkuísticas vidas, causa-nos espanto respeitoso e genuíno pela adesão incondicional e sem restrições às prerrogativas do Plano do Eterno, ainda que tenhamos em conta que suas Personalidades se manifestaram municidas pela sua realidade planetária e dimensão consciencial que, definitivamente, escapam ao entendimento da nossa qualidade de humildes discípulos.

Reduzidos e condicionados pelo circunstancialismo humano poderemos imaginar, sequer, o que significa a doação dos nossos próprios filhos “carne da nossa carne”, “sangue do nosso sangue”? Poderemos, acaso, conceber, à luz da conceituação humana, que em favor do equilíbrio do misterioso processo metabólico iniciático das “crianças trocadas”, na sua condição de mãe extremosa, Hercília tenha aceite a permuta de sua filha, a excelsa Helena Iracy, por uma outra criança predestinada, Helena Jefferson, que a veio substituir?

Eis porque o Mestre exalta o seu papel de Mãe “... porque (afirma) dela saiu a criança que deveria ser trocada pela verdadeira Helena ... criança ... que, em Duat, foi ama e preceptora de Akdorge e Akgorge, mas também, dos dois verdadeiros Avataras: Maitreya e Mitradeva”.³⁸

Tivemos já oportunidade de rememorar as circunstâncias do acidente de Lisboa que conduziram à reconversão do Plano do Eterno, a fim de colmatar o hiato ou solução de continuidade provocada pela intervenção insidiosa das forças opositoras instrumentalizadas por um nirmanakaia sombrio, algures na Rua Augusta. Em consequência, o aprestamento da Epifania do Cristo Solar em Maitreya exigiu a fundação material da Obra. Aos tulkus de Henrique e Helena, respectivamente Honorato e Hercília, competiria firmar na Bahia a Instituição, assim como sua extensão interna, a Ordem do Santo Graal, criando no Brasil, país vaticinado pela Hierarquia, as condições para que, na data prevista, em 1949, fosse anunciada a vinda do Grande Senhor Maitreya, ladeado pelos Gémeos Espirituais ...sim, conduzindo o Filho...³⁹

Consigna o Mestre: “Como se sabe, Hercília e Honorato ... deveriam fundar “Dhâranâ” por causa real ou verdadeira da Obra, como nossos anunciadores ... que deveria ser entregue ao casal (Helena e Henrique)”.

O inusitado acidente provoca, como é sabido, a morte de Honorato, acidente irreversível, devido a repercussão hiperfísica.

O equilíbrio do ambiente físico, psíquico e mental defronta-se com uma ruptura que terá de ser cerzada para que se inicie o resgate cármico do trágico acidente. Henrique regressa à Bahia, à casa paterna e, orientado pelos Adeptos, na pessoa de Akadir, toma como esposa a tulku que estava destinada ao consórcio com Honorato. Houve, contudo, que aguardar o estado adulto da jovem Hercília. Aos 16 anos efectua o seu casamento com Henrique, então com 20 anos. Henrique, na verdade assume uma espinhosa responsabilidade: a par da execução dos seus propósitos iniciáticos específicos, a incumbência dos compromissos outorgados ao seu tulku Honorato.

Um comentário acentua a importância desta mutação singular: “A estratégia operada da realização destes acontecimentos, visou unir a expressão da contraparte feminina do 5º Senhor com Aquele que, no futuro, veicularia integralmente os valores do 6º Senhor, Henrique José de Sousa”.⁴⁰ Em lugar próprio insistiremos neste tema.

Antes de prosseguirmos recordemos que aos tulkus Hercília e Honorato caberia a fundação da obra e que esta deveria ser entregue, mais tarde, ao casal 1ª Helena e Henrique. Depois de preparado o ambiente no Ocidente, JHS regressaria do Oriente como Monarca Universal, rodeado pela Contraparte, a 1ª Helena, conduzindo seu filho Aktalaya. A Família Sagrada do Avatara (Maitreya) “seria recebida pelos tulkus e os componentes da obra na Terra. O mundo teria notícias do Avatara pela tradição e pela boca dos Apóstolos do Grande Senhor (Buda Mercúrio)”.⁴¹ Recordemos ainda que o Plano original da Lei previa que o regresso dos Gémeos, do Oriente, após a sua partida de Lisboa em 1899, aconteceria cinquenta anos depois, em 1949.

Ocorre uma questão, por oportuna: Conseguiram Henrique e Hercília reverter o efeito provocado pela revogação do Plano, construindo o edifício institucional da Obra? Sim! A venerável Hercília saiu vitoriosa, ao lado do seu ilustre marido, com a fundação espiritual da Obra, a 28 de Setembro de 1921, anunciando uma nova aurora, destinada a preparar o Brasil para o Advento do Ciclo de Aquarius.

Nessa época, o casal Henrique/Hercília e seus filhos viviam já modestamente. Hercília, com 34 anos, estava casada há 18 anos.

A partir de 1914 o mundo entra em plena recessão económica. Devido ao peso cármico da 1ª Guerra Mundial e a um conjunto de factores em jogo, JHS perde a sua imensa fortuna.

A instâncias superiores muda-se para Niteroi. É em Niteroi, de facto, que se inicia o Ciclo da Missão Profana da Obra, ciclo que se desenrola totalmente no modesto lar dos Sousa.

Hercília, que havia vivido o brilho faustoso da alta sociedade e das elites culturais e artísticas da Bahia, Hercília que havia auferido de uma existência feliz e tranquila ao lado do seu companheiro, percorre agora um ciclo de "necessidades".

Com mágoa indisfarçável desabafa o Mestre numa das suas cartas: "... viveu feliz a meu lado até que me levaram a fortuna toda, devido a meu coração, sempre pródigo para aqueles que sofrem ... E então foi a mesma Mulher que chegou ao ponto de cozinhar, de lavar roupa etc..."^{42 43}

Niteroi, a "Nish – Tao – Ram" dos fenícios, é um marco na edificação da Obra no Brasil. Aí se iniciaram os prolegómenos do Ciclo Samyama, o primeiro da missão do mundo profano, levado a cabo na residência dos Sousas, após o primogénito do casal, Alberto, ter introduzido no círculo das reuniões duas jovens sensitivas excepcionais, filhas de um engenheiro belga, seu amigo, de nome Colens. Este período de intensa actividade da Obra caracterizou-se por uma forte componente anímica e fenomenológica introdutória e necessária ao futuro desenvolvimento da Missão de Henrique e Hercília, definidas que foram nesse ciclo, algumas linhas mestras da Obra.⁴⁴

A actividade grupal veio a confinar na fundação de um Centro de Estudos, em 29/09/1916, coordenado por Henrique e pela anfitriã Hercília, então com 29 anos. A comunhão grupal, intitulada de Comunhão Esotérica Samyama, trabalhou sob a égide de Shankaracharya e as directrizes directas de Pantanjali. O termo Samyama é sinónimo de "Samadi". Os fenómenos psíqui-

cos alcançaram na época um notável fulgor e, para isso, concorreu naturalmente Henrique. Igualmente, Hercília participou de forma tão inclusiva, que não se pode negligenciar.

Segundo S. V. Vidal Hercília dispunha, e passo a citar, “de um grande poder psíquico e uma grande clarividência”, “a Obra era assúrica. Era o mesmo que se dissesse que Ela era a dirigente ... naquela fase”.⁴⁵

“Samyama” finalizou seu ciclo a 22 de Dezembro de 1919, dissolvendo-se após três anos e três meses de profícua e ininterrupta actividade no lar dos Sousas. A Essência Superior de Henrique, até aí, o Discípulo Pithis, não havia ainda “descido”.

A transcendental hipóstase dar-se-á somente a 28 de Abril de 1928, data em que Henrique assume a sua integral Consciência como Mestre JHS e que fica assinalada na cronologia da Obra como “O Dia dos Imortais”.

Mas a obra prossegue determinada e segura. Citam as “Efemérides” que, “a 10 de Agosto de 1924, um domingo, às 15 horas, relacionadas com o tatwa de Mercúrio, com 14 pessoas reunidas, cujas assinaturas constam da Acta lavrada, foi fundada materialmente a Obra como entidade civil, em Niteroi, então capital do Estado do Rio de Janeiro, sendo registada com o nome “Dhâranâ – Sociedade Mental Espiritualista”. Evidentemente, uma das signatárias é Hercília.⁴⁶

Em Agosto de 1925, inicia-se a publicação da revista oficial da Instituição “Dhâranâ”, órgão de referência magistral na Obra, que perdurou, felizmente, até aos nossos dias.

A 8 de Maio de 1928, JHS e Hercília decidem alterar a designação do Instituto “Dhâranâ” para “Sociedade Teosófica Brasileira”.

Em 28 de Setembro de 1930, sob os auspícios de JHS e Hercília, inaugura-se a misteriosa Confraria Jina de S. Lourenço, com um solene ritual celebrado na Embocadura da Montanha. Presentes, para além do Venerável casal, testemunharam a cerimónia: Helena Jefferson de Sousa, sua filha adoptiva,

sacerdotisa da sociedade, então com 24 anos, seus filhos legítimos Walter Orion de Sousa e Carlos Gonçalves de Sousa, as duas colunas, engenheiro Castaño Ferreira e Tancredo de Alcântara Gomes. A acta da Confraria foi igualmente subscrita pelos Excelsos seres Bey Al Bordi, Abraxis, Ralph Moore e Gulab Sing.

Entretanto, em 1921, inaugura-se a “Rama Samyama”. Em 1928 inaugura-se a “Rama Morya” e, em Dezembro de 1930, a “Rama Kut Humi”.

“A 13 de Julho de 1931 partiu da face da terra a figura angelical de Dona Hercília”, escreve Sílvia Patrícia, na sua cronologia da Obra. E prossegue: “que cumpriu dignamente sua transcendente missão na Obra ao lado do professor Henrique. Esposa e Companheira exemplar, mãe carinhosa...”⁴⁷

O insigne mordomo do Templo de Mitra-Sherim, S. V. Vidal, refere-se a Hercília nos seguintes termos: “Dona Hercília compreendia muito bem sua função ... Era uma grande clarividente ... Foi mãe de Helena Iracy, que orientou e prestou carinhos maternais aos excelsos Akdorge e Akgorge, e mais tarde, aos Budas Celeste e Terreno ... deu também corpo físico a Alina, encarnação do Deva da Obra...”⁴⁸ “Hercília representava a Mãe-Terra, enquanto que, Helena, a Mãe-Celeste...”, “...possuía grande poder psíquico, uma fantástica clarividência, dando grande orientação espiritual, como apoio físico e psíquico aos discípulos da época...”⁴⁹

Como se sabe, Hercília falece praticamente exausta, com problemas cardíacos e uma vida material repleta de dificuldades de todo o género, depois de ter dado à luz uma vasta prole constituída pelos seus oito filhos. Anos de dificuldades sim, mas Hercília cumpre sua portentosa missão ao lado de JHS. O Mestre desabafa “...não devemos falar do muito que sofreu ... Foi uma grande mártir da vida ... mas também recebeu a devida recompensa...”

Hercília Gonçalves de Sousa, a grande pioneira e Arauto do Plano Divino ou da Obra saiu vitoriosa da sua espinhosa mis-

são. Realizou um papel de primeira linha iniciática que poderemos sistematizar em três Arcanos:

1. Arcano Tulkuístico:

Trabalhou como fiel consorte e Tulku da 1ª Helena na resolução dos estádios evolutivos da Obra, respectivamente, Centro Samyama, Dhâranâ e na fundação da Sociedade Teosófica Brasileira, hoje Sociedade Brasileira Eubiose. Incrementou as ramas Morya, Kut-Humi, Samyama, etc.

2. Arcano Manúsico:

Deu nascimento aos ínclitos filhos de JHS, entre eles Helena Iracy, que educou os Bodisatvas Akgorge e Akdorge, nascidos em 1935, e criou os Budas Apavanadeva e Mitradeva. Foi mãe de Alina, que encarnou o Deva da Obra. Foi a progenitora, entre os demais filhos, do Dr. Carlos Lucas de Sousa, o insigne autor da magistral obra “Órgão Monumento da Civilização Eubiótica – Sinarquia Social Eubiótica Universal”.

Enfim, recolhe no seu lar, a quem educa extremosamente, Helena Jefferson, por troca com sua própria filha, Helena Iracy.

Mencionemos, dada a sua relevância, um trecho do Mestre, exarado na Carta Revelação 01/01/41: “Convém agora revelar uma pontinha do véu que encobre meus próprios filhos, trocados por outros filhos meus. Como se deve compreender, eu mesmo deveria ter filhos com o tulku da Rainha... Altari ou Liziara foi quem conduziu Helena ao Santuário... e ela é filha de mãe brasileira... Selene, portuguesa, e as duas Alinas, mesmo que louras, peruanas... Os trocados... estiveram por algum tempo entre o POVO JINA, existente na Ilha de Itaparica.”

3. Arcano Epifânico:

Expressou, ao nível da Personalidade humana, a Essência Divina da Mãe Terrena, a Shakti do 5º Senhor Arabel, em contraponto, diríamos, com o protagonismo de Helena, que

A Venerável Hercília Gonçalves de Sousa

representou a essência da Shakti do 6º Senhor, ou seja, a Mãe-Celeste.

Recordemo-nos do que foi dito atrás acerca de Hercília e amparemo-nos nas palavras soberanas de JHS:

“A mais secreta de todas as revelações ... sim, que não pode ser dada com todos os detalhes, por assim não permitir a lei ... A VITÓRIA DE HERCÍLIA por ter estado ao meu lado, por ser de direito e de facto o Arauto da nossa Missão, com um Tulku meu, mas em verdade, ambos do 5º, é assombrosa!”⁵⁰

O MISTÉRIO DA IDENTIDADE DE HERCÍLIA

Lúcifer e os Assuras

Num belo poema da autoria de Eliphas Levi, pseudónimo do padre Alphonse Constant, illustre autor da Obra “Dogma e Ritual da Alta Magia”, entre outras, o grande mágico cabalista evoca o 5º Senhor de forma bem patética:

“Ó Lúcifer tu te separaste
Voluntária e desdenhosamente
Do Céu, onde o Sol te inundava
Da sua claridade, para sulcar
Com os teus próprios raios
Os campos incultos da noite”

Eliphas sintetiza neste poema, que é também, uma evocação, todo o mistério do drama cósmico vivido por Aquele que afirma de Si Próprio “Eu Sou Lúcifer: a brilhante Estrela da Manhã”.

O enigma identitário de Hercília Gonçalves de Sousa insere-se na complexa teia da representação planetária e sistémica pelo “Senhor da Estrela Flamígera”, o Luzeiro Luzbel em sua função cíclica, intervindo como Logos Baal Bey.

Para assimilarmos o papel representativo de Hercília, forçoso é que se esquematize numa sinopse, o mais sucinta possível o drama cósmico e antropogénico de Lúcifer, citado de forma tão clarividente por Eliphas Levi.



*Representação
de Lúcifer*

Numa das suas Cartas Revelação⁵¹ afirma o Mestre: “Quando se cogitou da formação da nossa cadeia planetária (a 4ª cadeia),⁵² o Logos Criador (o Demiurgo) apelou para o Choan da Hierarquia dos Assuras, numa confabulação Celeste, determinando que Ele com sua Hoste viesse criar e dirigir a 4ª Cadeia. Porém, Este, (Lúcifer) antevendo as formas mais grosseiras da evolução dos seres organizados, discordou do Eterno ... o Logos concitou-o a realizar o seu trabalho, mas o chefe dos Assuras não aceitou colaborar com a Lei a favor da Hierarquia Humana.



Representação antiga de um Assura

O Logos apelou então para a Lei Suprema. Esta, com sua Voz Silenciosa, procedeu a um julgamento, visando dois aspectos: a parte justa e a parte injusta, isto é, saber em que medida o chefe dos Assuras tinha ou não razão. Como Choan de uma hierarquia criadora (a dos Assuras) Lúcifer deveria colaborar com a Lei da Evolução. No entanto, como ser autónomo, assistia-lhe o direito de tomar uma decisão. Deste modo Lúcifer “caiu”, sem perder entretanto o direito de ser o Dirigente da 4ª cadeia, a da Terra, com possibilidades de reabilitação”.

Os Assuras, conhecidos como os “Filhos do Hálito de Brahmã”, Consciências da 1ª cadeia do nosso sistema, a de Saturno (a que se seguiram a Solar e a da Lua) constituem de facto a primeira hierarquia Criadora a orientar a Humanidade, como portadora e dadora do mental aos homens, logo, responsável pela nossa evolução.

Aos Assuras compete a recolha dos frutos das experiências evolucionais, boas ou más, positivas ou negativas, de uma Cadeia para a outra.

Consoante as lições de Castaño Ferreira, as hierarquias rúpicas criadoras dos mundos e dos seres, que têm nome e forma, dividem-se por três níveis. A dos Assuras, escalona-se em Assuras propriamente ditos, Kumaras e Makaras. Na 1ª Cadeia, a de Saturno ou Assúrica, a Hierarquia dos Assuras despertou o mental concreto, como consciência interior. Mas houve naturalmente falhas, impedimentos na execução do Plano Arquetipal, donde resultou carma pendente, a esgotar nas cadeias seguintes.

Aos Assuras que fracassaram na 1ª Cadeia, devido ao carma acumulado e ao facto de terem alcançado grande desenvolvimento do mental, foi-lhes cometida a responsabilidade de conceder aos homens da 3ª Raça Mãe, da Ronda actual, o germe da egoidade o Ahankara ou Individualidade, desafectando o ser humano das Almas-Grupo que animavam até então a humanidade primitiva.

Esta etapa na evolução, excepcional, marcou a 1ª e Grande Iniciação colectiva da Humanidade.

Se muitos dos Assuras com carga cármica conseguiram redimir-se do seu próprio passado, outros, revoltados, preferiram manter-se como obstáculos, conscientemente, no caminho evolutivo dos homens.

Eis, porventura, uma das origens do bem e do mal na Terra.

O problema da “queda” de Lúcifer, tão mal assimilado e compreendido, remete-nos para os Dyanis Assúricos. Um terço deles, dotados de inteligência “foi simplesmente condenado pela Lei do Carma e da evolução a renascer na Terra”. Segundo Roso de Luna,⁵³ alguns Assuras eram já Nirmanakayas renunciadores ou redentores, provenientes de outro Manvantara, que surgiram na 3ª Raça Raiz como Reis, Rishis ou “Heróis” que se volveram seres míticos. E se uns se recusaram a procriar, outros envolveram-se promiscuamente com as

“filhas da Terra”, factos narrados de forma mitológica em várias tradições e escrituras, inclusive na Bíblia, como a “Luta dos Anjos Caídos”.

Na opinião de Blavatski⁵⁴, a conhecida queda dos Anjos (Assuras) por “orgulho”, diz-se, deve-se sobretudo ao facto de se negarem a encarnar em corpos físicos. As razões da sua rebeldia centram-se mais na ordem das causas fisiológicas, que metafísicas. Nem todos os organismos humanos, segundo presumiam, estariam suficientemente elaborados para que suas essências espirituais, tão evoluídas, pudessem encarnar.



Os Anjos Caídos

Em que consistiu afinal a “revolta de Lúcifer”? Na rejeição de governar a Terra conforme as directrizes do Eterno. Lúcifer, como Portador da Luz e da Mente Universais, ansiava orientar e presidir uma hierarquia, à partida, com um coeficiente de inteligência superior, portadora de um sistema cérebro-espinal já bem desenvolvido, em consonância com o seu próprio Projecto e sua tónica espiritual.

Contrariamente aos seus desejos, Lúcifer depara-se com uma hierarquia cega, espiritual e mentalmente, animada por um corpo incipiente e centrada emocionalmente, ainda presa dos mais grosseiros instintos. Em contacto com a humanidade não consegue subtrair-se ao forte impacto causado pela animalidade primária que lhe estava destinada a liderar. Entenda-se: a hipóstase luciferina do 5º luzeiro, Luzbel, dominada pela sua personalidade, mantém sua recusa ou revolta, o que determina o anátema do Eterno.

Numa das suas “Conversas”, notifica o Venerável Mestre: Era forçoso que o 5º Senhor descesse da 2ª parte do 2º Trono para a Terra, a fim de animar os restos cármicos provindos dos sistemas anteriores ao Quarto. O Eterno desejava uma evolução gradativa, contrariamente a Lúcifer que ambicionava uma evolução célere do seu Projecto. Devido ao anátema do Eterno, Lúcifer dispõe-se a lutar pelo seu Plano, neutralizando sua “excomunhão” e em oposição frontal. O grande anseio de Lúcifer volveu-se na projecção na Terra da 5ª Raça-Mãe, a raça característica do mental.

E o Mestre conclui: “esta era a atitude de Lúcifer de outrora, antes da sua «redenção», operada como sabemos com a participação do 6º Senhor...”. Urge pois que distingamos, teoricamente, Lúcifer de Arabel. Arabel corresponde à Consciência que restabeleceu sua Dignidade através do “Consórcio Amoroso” com Akbel. O Luzeiro, o Elohim “caído”, aprisionado na carne, na forma, reintegrou-se na sua condição de Luzeiro sideral.

Na verdade Lúcifer foi apenas uma “aparência do mal”⁵⁵ na constituição do Bem, da evolução, até que a Divindade fosse alcançada pela Humanidade.

Para Blavatski, a filosofia esotérica não admite a dicotomia “Bem e Mal”, o Mal “per se”, como existindo independentemente da Natureza. A causa destas duas categorias centra-se na oposição dos contrários no Cosmos. De facto, não existem demónios nem seres absolutamente depravados, como não há anjos absolutamente perfeitos, ainda que possam existir Espíritos de Luz e de Trevas, conclui. Na “Doutrina Secreta” a grande polígrafa escreve: “Assim, Lúcifer (o Espírito da iluminação e da liberdade de pensamento) é metaforicamente a “tocha” condutora que ajuda o homem a encontrar a rota através dos arrecifes e dos bancos de areia da Vida, pois Lúcifer, em seu aspecto mais elevado, é o Logos e, em seu aspecto inferior, o “Adversário”, reflectindo-se ambos em nosso Ego”.⁵⁶

Assim, a 5ª Raça Ária ou Ariana tem florescido devido aos seus esforços, firmada no seu atributo específico, o Mental, e na

esfera da liberdade responsável até que, a sua Estrela Pentalfa irradie plenamente nos alvares da próxima 6ª Raça-Mãe, a dos Andróginos.

Quanto aos Assuras inferiores, têm arcado com uma grande responsabilidade cármica na evolução da Raça Humana, devido à “Queda da Atlântida”, em que foram os principais intervenientes.

Incumbe-lhes um pesado trabalho de resgate, até que a Raça-Aria expresse sua essência deífica, restabelecendo e restaurando o Plano Divino.

Lúcifer – Goberum – Hercília

“Eu sou A BRILHANTE ESTRELA MATUTINA”, entoa Lúcifer, como se um hino fosse, de glorificação a Vénus. A “Estrela da Manhã”, VÉNUS, conhecida também, como Phosforos, desde sempre esteve associada ao Anjo decaído. Existe uma conotação sistémica entre o planeta da manhã e do crepúsculo com a Terra e o 5º Luzeiro: Por um lado, Vénus representa o “Alter-Ego” da Terra, por outro, será legítima a inferência de que o Planeta esmeraldino constitua a manifestação sidéria do 5º Elohim, como Logos Planetário. O Ven. Mestre parece corroborar esta hipótese quando escreve:

“As Estrelas constituem Corpos de Manifestação (espiritual) dos Luzeiros Sistémicos.”⁵⁷

Um mito sobre o herói Perseu, relata que, devido ao triunfo sobre a sua própria rebeldia, Zeus, o Mestre do Olimpo, ordenou que Perseu se eternizasse no firmamento como a Constelação Perseu, símbolo do herói realizado, ao preço dos mais difíceis combates. Perseu é um epígono de quantos heróis “prometeicos” ou “divinos rebeldes”, ousaram seguir a via libertária de reintegração no Androginismo primordial.

Um fenómeno celeste na Constelação de Perseu intrigou, durante várias décadas, a classe dos astrónomos. Uma estrela crismada por eles como a Beta de Perseu, a estrela ALGOL, ciclicamente intensificava seu brilho esplendoroso, para logo entrar em declínio, esmorecendo o seu fulgor, quase se extinguindo. A estrela, considerada de “segunda grandeza” pelos especialistas, brilhava durante dois dias e meio com esplendor uniforme, porém, de modo inesperado, esmorecia tão ostensivamente, que, em simples quatro horas e meia, Algol se transformava num mero luminar de “quarta grandeza”.

Durante muito tempo, a astronomia procurou entender a causa de tão curioso fenómeno, até que, em 1783, descobriu que a aparente anomalia se devia, simplesmente, a um eclipse parcial, verificado de três em três dias, por interposição de um astro obscuro (ou menos luminoso).

Comentando o fenómeno, o Mestre cita, muito a propósito, o livro jina *Fantasma Celeste*, da autoria de Fra Diavolo, que se refere ao mito Perseu nos seguintes termos:

*“... trata-se de uma disputa entre Perseu e o referido astro negro, querendo este, em semelhante forma, assenhorear-se da cabeça da sua companheira, a quem, o mesmo Perseu achou por bem separá-la do resto do corpo e que lhe serve de ornamento ao escudo, como laurel de tamanha vitória”.*⁵⁸

Diavolo alude, mitologicamente, ao corte da cabeça da rainha das Gorgonas, a bela Medusa, que Perseu passou a ostentar em todos os seus pósteros trabalhos.

Em suma, ALGOL é um Estrela dupla ou binária.

O Venerável Mestre apela para a intuição dos discípulos como chave da “verdadeira Magia do conhecimento”.

“A Estrela Algol (comenta) representa a Estrela Fêmea do binário, o Aspecto Feminino de Lúcifer, (de nome) GOBERUM, segundo as velhas tradições Atlantes conhecida como SAKALI. Algol é a expressão cósmica feminina do Anjo Revoltado”.

Quer dizer: GOBERUM, expressa sideralmente por Algol, é a divina Shakti de Lúcifer. E, neste sentido, Goberum está para o 5º Senhor, como Allamirah está para o 6º. Mas não nos precipitemos.

Com a luta desferida entre os Arcanjos Mikael e Lusbel nos seus aspectos mais personalizados, Lúcifer, além de perder a sua coroa (a parte revoltada), separou-se, também, da sua contraparte, sua shakti, a qual permaneceu no céu como “Fêmea do Espaço”.

Finalmente, com a redenção de Lúcifer, a Consciência de Algol voltou a manifestar-se junto de Arabel, em GOBERUM. Logo após o Julgamento de 1956, Algol deslocou-se de norte para sul, mais próxima de Vénus, a Estrela Lucífera⁵⁹. Nessa transladação, fulgiu no céu com uma fulgurância estranha. Mas os astrónomos não a identificaram, julgando que se tratava apenas de um novo astro ou de algum cometa vogando no espaço. A sua aproximação a Vénus, indicia que a expressão sideral da Shakti do 5º Senhor, se avatarizou no Corpo da Rainha do Mundo, GOBERUM, “*posto (afirma o Mestre) que o excelso Corpo de Goberum é, actualmente, o sustentáculo físico do Aspecto Feminino de Arabel*”.⁶⁰ E, tudo o indica, que desde 2005 a Estrela Algol recuperou todo o seu esplendor sidério.

Uma das grandes empresas, uma de maior relevância planetária entre muitas outras de Akbel, foi a redenção de Lúcifer, de que saiu totalmente vitorioso, tal como o mitológico Perseu. Lúcifer, agora redimido como ARABEL, não mais ensombrará a LUX dimanada por Algol, em Goberum. ARABEL e GOBERUM resplandecerão na Terra como uma “Jóia Única, imperecível, Vida e Sopro da Humanidade Jiva”. Por isso, o Mestre exclama:

*“Único, o papel de Arabel, ao lado da luminosa Estrela, convertida em forma humana, GOBERUM... Sim, GOBI HERUS...”*⁶¹.

Sim, continua,

“A Estrela Algol, alma de Proserpina, tornou-se Goberum... ao lado do seu Esposo Irmão. Goberum equivale a GOBI e ERUM ou Heros, o 7º Princípio. O deus Cupido ou da Alma Universal.”⁶²

Se cindirmos o termo GO-BERUM nas suas componentes, temos “GO” e “BERUM”. “GO”, deriva do sânscrito e significa, “boi”, “vaca”, ou melhor, “Touro”. “BERUM” advém do nominativo SANAT-BERUN, um dos Kumaras venusinos. GO-BERUM, corresponde, assim, a “Kumara Taurino” ou Kumara Venusino, já que o Touro corresponde ao totem de Vénus, o Alter-Ego da Terra, o planeta donde procede, como se sabe, a hierarquia kumárica.

Antes de prosseguirmos, é mister que distingamos, com a clareza possível, dois conceitos fundamentais, que, ainda que próximos, são distintos nas suas conotações semânticas: o de LUZEIRO e o de PLANETÁRIO, pois, no contexto da Obra, se confundem, por vezes, de tal modo, que dificilmente demarcaremos seus níveis de especificidade.

Os Luzeiros possuem duas faces: uma face divina e outra, relativamente menos espiritual. O Luzeiro que, em Si, é uma Consciência Imanifestada, reflecte-se de forma hipostática, como Planetário. O Planetário corresponde a um Luzeiro objectivado a nível mais baixo. O Planetário é uma encarnação física, o que não significa que o seja no Plano denso, mas utilize, apenas, o Plano Etérico.

Segundo o Ven. Mestre, no Roncador, mais propriamente no 5º Cantão de Agatha, em missão do 5º Sistema, encontram-se o 5º Planetário, BAAL-BEY e sua contraparte de polaridade feminina GOBERUM. Na realidade, Baal-Bey age como PLANETÁRIO da RONDA, como se fôra Arabel. O Bem-aventurado Baal-Bey é o nosso Deus Objectivado, o ESPÍRITO DA TERRA.⁶³

O étimo “Baal” traduz o sentido de “Dono”, “Possuidor”. O designativo “Bel”, utilizado em várias tradições do médio-oriente, significa “Senhor do Mundo”, o “Criador”, no sentido de

“demiurgo” ou, ainda, o “Pai dos Deuses”. Foi venerado pelos sumérios, caldeus, moabitas, fenícios, sírios, etc.

Com aspecto objectivo de Arabel, o Planetário do 5º Sistema, Baal-Bey, devido à redenção de Arabel, como sua feição planetária, foi entronizado como Imperador de Agartha, na 5ª Cidade “Irânia Loca”⁶⁴ ou “Jana Loka” (o País dos gasosos ou do Verão), assumindo o governo do seu povo durante mil anos, a partir do ano transacto de 2005. Em 3005, o 5º Senhor anunciará sua Condição de Planetário e sua excelsa Missão, firmando-se, então, na Face da Terra. Entendamo-nos: com sua Redenção Vitoriosa, Arabel foi entronizado como Planetário Baal-Bey, e retirou-se para o 5º Cantão Agartino, intimamente ligado ao Roncador, com sua Shakti Goberum.

Cogitemos... porque a constatação é subtil: ARABEL, com sua contraparte GOBERUM, objectivando-se na parelha planetária BAAL-BEY e HERCÍLIA...

Em 1958, numa das suas famosas “Conversas” com os discípulos, questionava o Mestre:

*“Que foi feito do Corpo de Goberum?
E responde: Os Irmãos recordam-se
que a Estrela Algol, em 1954, se deslocou
no sentido norte-sul... a Estrela Algol,
como Corpo Sideral da Shakti
do 5º Senhor, objectivou-se no Corpo
da Rainha do Mundo, GOBERUM, posto
que, o excelso Corpo de Goberum
é actualmente, o sustentáculo físico
do Aspecto feminino do 5ª Senhor.”*

As mulheres, ... comenta, sempre em cena, com Helena em Allamirah... e a antiga HERCÍLIA, em Goberum. Sempre o misterioso “H” da Evolução Humana, na Ronda Actual e, no quarto lugar (do sagrado mantram) OEE-HAOO, para firmar a potência luminosa dos Ciclos das Idades no Amanhã Apoteótico de SIRIUS!⁶⁵

Para o Mestre JHS, ALLAMIRAH representa a Essência da Mãe-Celeste, enquanto que GOBERUM expressa a Mãe-Terrena, a Isis. Daí, a citação bíblica do texto salomónico: “*NIGRA SUM SED FORMOSA*”, “*Sou negra mas bela*”. Acerca de ISIS, comenta JHS:

*“IO ou ISIS, a Deusa da Sabedoria, o grande Princípio Feminino, a Matéria Plástica, a NATURA NATURATA ou Personificação da Natureza.”*⁶⁶

A presente citação explica porque o Mestre mandou executar um bordado na faixa cerimonial da Venerável HERCÍLIA, como expressão física densa de Goberum, a palavra “PRAKRITI”, inscrita num quadrado de cor alaranjada. Prakriti, a substância original e, por extensão, a Natureza, complemento polar de PURUSHA, a Natureza espiritual.

Sim, afirma o Mestre, de forma peremptória:

“De um lado, a Expressão da Mãe-Divina ou HELENA. Do outro, a Expressão da Mãe-Terrena, a Mather-Rhea ou Prakriti, HERCÍLIA, a que se sagrou como Espelho da Divina Mãe Terrena, Goberum, e que, após a sua morte, em 1931, anos depois, em 1958, se funde na Consciência da Shakti do 5º Senhor”

Uma conotação cósmica identifica as Três Humanizadas da Obra do Eterno com o Theotrim das Mães Divinas, as Shaktis dos 4º, 5º e 6º Luzeiros, respectivamente, ATLASBEL, ARABEL e AKBEL. O Mestre esclarece que Helena Iracy revela o Aspecto feminino do 4º Planetário, Senhor do Quarto Sistema de Evolução:

“Helena Iracy é o Espelho que reflecte o Quarto Raio do Sol Suriaj Onim, como representação da 4ª Shakti Universal. O 4º Planetário “como Vigilante das Almas salvas no Ciclo actual”, vibra no Interior da Vila Velha, no Paraná.”

Quanto ao 5º Planetário, BAAL-BEY “em 23 de Março de 1963, regressou ao Roncador”, ao 5º Cantão Agartino, “onde se

encontra entronizado com sua Shakti GOBERUM". Manterá, porém, o seu silêncio, que só interromperá em 3005⁶⁷ fazendo soar a Sua Voz. 3005, mil anos após a manifestação da Presença do Buda Mercúrio, Maitreya, nos idos de 2005. Com o regresso, em 1963, de JHS, ARABEL assumiu, por fim, a DIRECÇÃO DA TERRA. *"Em 2005 foi-lhe entregue o PENTAGRAMA UNIVERSAL, iniciando-se (de facto) o anunciado ciclo de 10 000 anos"*⁶⁸, o qual, sob sua égide grandiosa concretizará o 5º Sistema Universal de Evolução.

O que nos reservará o próximo futuro? O Mestre vaticinou que após o seu decesso *"iria (sic) para o Corpo de Rabi-Muni e que sua Contraparte polarizaria no Corpo de Ata-Muray, Shakti de Rabi-Muni"*. Mas disse mais: que, em seguida, os Gémeos Espirituais se manifestariam nos Corpos de JEFFERSUS e MORIAH... para, finalmente, se avatarizarem no Buda Celeste, Maitreya.

O Mestre interroga, de forma sibilina:

"será o Buda Terreno o Corpo Físico do 5º Planetário e o Buda Celeste, o do 6º Planetário...? E, se assim for, não será legítimo concluir que o 5º e sua polaridade feminina GOBERUM, farão avatara no Buda Terreno, MITRA-DEVA?"

Esta hipótese parece ser confirmada pelas palavras pronunciadas pelo 5º Senhor, Arabel, no "Colóquio Amoroso":

"EU VIVEREI NO BUDA TERRENO E, AO MESMO TEMPO, NOUTROS SERES."

Ao retirar-se para a 5ª Cidade Agartina, o 5º Planetário, como "Portador do Facho Luminoso", teria como uma das suas finalidades preparar sua avatarização no Buda Terreno. JHS escreve:

A Venerável Hercília Gonçalves de Sousa

“... para que sua luminosidade Planetária se avatarize no Buda Terreno, como Vitória Espiritual do Mundo, isto é, da Atlântida até aos nossos dias.”⁶⁹

E o Ven. Mestre continua:

“Glória a meu Irmão, o Quinto Luzeiro, ao lado da sua Contraparte. Em breve, estará Ele no Buda Terreno e Ela (GOBERUM) quem sabe, como sua Mãe...”⁷⁰

Bem pouco tempo antes do seu trânsito, em 1963, o Mestre testemunhava emocionadamente:

“HERCÍLIA, foi uma Grande Mártir da Vida... Mas recebeu a devida recompensa, indo ter a Goberum, onde se acha, ao lado de ARABEL.”⁷¹



- GLÓRIA A HERCÍLIA, hipóstase humana De Goberum, a Shakti de ARABEL.
- GLÓRIA À FLOR DA LUSITÂNIA, HERCÍLIA, florescida no jardim dos “frutos amarelos e verdes” do promissor e pujante solo espiritual do Brasil.
- GLÓRIA À MÃE HERCÍLIA, Arauto da Obra, expoente da Mater Divina na Terra
- GLÓRIA A HERCÍLIA, o “Orvalho Matutino”, na Missão Sacratíssima do Povo Português.

*Por Olímpio Gonçalves
da Comunidade portuguesa de Eubiose*

Notas:

¹ Parafraseando Ortega e Gasset.

² Infelizmente estes trãnsfugas, três deles conjuraram-se numa frente comum: conspirativa e de oposição à Instituição Portuguesa. O carácter desta tríade cacobiótica pode ajuizar-se pelos execráveis assaltos, e respectiva saqueação, que cometeram aos Templos da Obra em Portugal: O Templo de Maitreya sediado no Porto e o de Allamirah em Sintra.

Que a Lei lhes seja piedosa!

³ “Arqueómetro”, S. Yves d`Alveydre.

⁴ “Arcana de los números”, Iglésia Janeiro.

⁵ “História de um Homem Misterioso”, J. V. Vidal.

⁶ Carta Revelação de 15/01/1961 (As Cartas Revelação correspondem a ensinamentos internos do Mestre Henrique José de Sousa).

⁷ Carta Revelação de 2/01/1962

⁸ Não obstante todos os esforços dispendidos não logramos obter o seu nome completo. Hercília era apelidada correntemente com o epíteto carinhoso de “a Neves” donde se presume que faria parte da sua identidade.

⁹ Nas pesquisas dos registos relativos ao seu lugar de nascimento não nos foi possível certificar esta asserção. Informações de origem interna contudo permitem-nos aceitar como verídica a referência.

¹⁰ Mestre Abraxis, conhecido como o “Adepto de Pond-Cherry,” Jean Dubonet Beauville, foi aio e educador de Helena da Silva Neves, gémea espiritual de JHS.

¹¹ “Homenagem aos aspectos femininos da Obra”

¹² Henrique tinha vários irmãos. Os mais velhos, Maria Luíza, que se casou com um nobre de família milaneza, e Joaquim António de Sousa (que adorava Henrique), uma irmã mais nova, Maria José que se consorciou com um médico.

¹³ Para avaliarmos o esplendor social em que viviam Henrique e Hercília transcrevemos da Carta Revelação de 1/9/1953 o trecho do Mestre:

“Pois bem, em 1909, estando o Politeama Baiano a mim arrendado, como o teatro S. João, o Cinema Central, etc. etc., dei uma sessão memorável dedicada à Mocidade baiana, no dia 21 de Setembro – “A Entrada da Primavera” – cuja repercussão pela imprensa foi das mais elogiosas. Sim, os camarotes com suas colunas enroladas de flores e folhagens. Em cada poltrona uma rosa, um cravo – na escolha dos sexos ou pares: o cravo para o homem, a rosa para a mulher. Ao subir o pano da boca, uma linda

Comunidade Portuguesa de Eubiose

paisagem de pintor famoso, qual o do teatro de S. João representando “Apolo descendo do Céu em seu carro de Ouro puxado por cavalos brancos alados” ...revoou no recinto do teatro estrondosa salva de palmas!

A tela do fundo, cercada de flores e folhagens. O chão ou tablado atapetado de musgo, enfeitado de rosas e cravos, mais parecia um jardim florido.

Duas Geishas, cada uma delas sustendo um chapéu de sol japonês, tendo em cada ponta das barbatanas uma lâmpada fingindo um fruto luminoso, emprestavam àquele quadro um tom fantástico, apaixonado e poético.

A orquestra iniciava o segundo quadro da Geisha ... Os olhares cruzavam-se do palco para o nosso camarote” ... (o de Henrique e Hercília).

¹⁴ D. Afonso, fruto das suas primeiras aventuras enquanto ainda Mestre de Avis. Já Rei, D. João I armou-o Cavaleiro em Tui e dotou-o com as terras e julgados de Neiva, Parelhal, Mariz, Rates, etc., conferindo-lhe o título de Conde de Barcelos.

¹⁵ “O concelho de Barcelos”, Teotónio da Fonseca.

¹⁶ in Canto 3º estância 85:

“Sancho forte mancebo que ficara
Imitando seu pai em valentia.
E que em sua vida já se experimentara
Quando o Betis de Sangue já se tingia
E o bárbaro poder desbaratava
Do ismaelita rei da Andaluzia

¹⁷ S. Emilião, orago de Mariz, um dos bispos latinos mártires às mãos do cruel Diodeciano. Consagrado em 299 pelo Papa Marcelino, é enviado para Trevi em evangelização na mística província da Umbria. Segundo a lenda, foi torturado e lançado aos leões – que se deitaram a seus pés – e, finalmente decapitado junto a uma oliveira.

¹⁸ Armas de Mariz: de azul, cinco vieiras de ouro postas em cruz, acompanhadas de quatro rosas de prata. Por timbre, um leão sainte de azul, rematado por uma das vieiras do escudo.

¹⁹ O assunto do “Paço dos Marizes”, por motivos óbvios, necessita duma investigação mais aprofundada. A triagem de fontes disponíveis nada revelam para além do exposto. Carência de meios logísticos impediu a Instituição, até hoje, de promover uma demanda mais exigente.

Oxalá, num próximo futuro, se possa encetar esse trabalho.

²⁰ Situa-se a 23º de latitude Norte.

A Venerável Hercília Gonçalves de Sousa

- ²¹ “Colectânea de Informação da Ordem dos Tributários”.
- ²² Linha Política ou de Estadistas: Duque de Windsor, Rei Leopoldo, Príncipe Piemonte, Haillê Selassiê, Mahatma Ghandi, Príncipe Hiroito e Getúlio Vargas.
- ²³ Na lista original os nomes de Honorato e Hercília estão maiavicamente substituídos pelos de Henrique José de Sousa e Helena Gonçalves de Sousa. S.V. Vidal revela que se trata de nomes que velam os tulkus reais.
- ²⁴ Idem, “História de um homem misterioso”.
- ²⁵ Carta Revelação de 02/01/62.
- ²⁶ Ainda que desconhecidos para a maioria dos discípulos, foram feitas várias tentativas para que Maitreya nascesse dos Gémeos Espirituais; a primeira fracassada e, uma segunda, com a deslocação a Machu-Pichu que não chegou a consumir-se.
- ²⁷ Carta Revelação de 27/09/1953.
- ²⁸ Carta Revelação de 7/07/1941.
- ²⁹ “A vida de um Homem Misterioso”, S.V. Vidal.
- ³⁰ Idem, ibidem.
- ³¹ “Livro do Graal”, JHS.
- ³² “Homenagem aos aspectos femininos da Obra II”, S.V. Vidal.
- ³³ Carta Revelação de 5/11/1953.
- ³⁴ Carta Revelação de 11/01/1953.
- ³⁵ S. V. Vidal.
- ³⁶ S. V. Vidal.
- ³⁷ Carta Revelação de 2/01/1962.
- ³⁸ Carta Revelação de 2/01/1962.
- ³⁹ Carta Revelação de 9/02/1963.
- ⁴⁰ “Homenagem aos Adeptos Femininos da Obra, II-2”.
- ⁴¹ Os parêntesis são nossos.
- ⁴² Carta Revelação de 2/01/1962.
- ⁴³ Relativamente à fortuna de Henrique vejamos o seu comentário: “todos sabem que meu pai possuiu 12 navios (enquanto que o Barão Silva Neves, meu amigo, uns seis, pouco mais) 3 enormes fazendas ... uma casa de estar, todo um lado da Baixa dos Sapateiros ... sete prédios, cada um com sete andares...” Carta Revelação de 15/02/1963.
- ⁴⁴ Período semelhante ao que ocorreu no início da Sociedade Teosófica, com o conhecido Clube dos Milagres, presidido pela notável Helena Blavatsky.
- ⁴⁵ “Homenagem aos Adeptos Femininos da Obra II”.

Comunidade Portuguesa de Eubiose

⁴⁶ Em 28/09/1921, na montanha da Esperança, depois conhecida por S. Lourenço, durante uma subida a cavalo feita na companhia da sacerdotisa Helena Jefferson Ferreira, sua filha adoptiva (embora não perfilhada oficialmente) surgiu por três vezes o Excelso Ak-Vatza, em corpo flogístico, como Cavaleiro das Idades. Evento considerado como a “Fundação Espiritual da Obra”.

⁴⁷ Ensaio biográfico sobre JHS.

⁴⁸ “... O Deva da Obra ... que provém já desde que existe na Terra a Grande Hierarquia Oculta. E muito mais: do começo da Raça Ária até hoje. No dia em que Ele ficar totalmente igual ao meio e ao baixo, na razão do seu esplendor celeste, o mundo será redimido ... Não esqueçamos que Hercília o viu antes de morrer ...” Carta Revelação de 21/06/1941.

⁴⁹ “Homenagem aos Adeptos Femininos da Obra”.

⁵⁰ Carta Revelação de 2/11/1962.

⁵¹ Carta Revelação de 6/12/1948.

⁵² Os parêntesis são nossos.

⁵³ “Da Esfinge”, M. R. de Luna.

⁵⁴ “Doutrina Secreta”, Helena P. Blavatsky.

⁵⁵ “Série Astaroth”, nº 38.

⁵⁶ Tomo III pág 166. Os parêntesis são nossos.

⁵⁷ “A Estrela Algol”, Henrique José de Sousa.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Carta Revelação de 19/01/1956.

⁶⁰ Conversa com JHS, Série Astaroth, nº 15.

⁶¹ Carta Revelação de 12/10/1959.

⁶² Carta Revelação de 09/10/1959.

⁶³ “Arcanos”, S. V. Vidal.

⁶⁴ Recorde-se que a 5ª Cidade Agartina mantém uma relação de grande proximidade com o 5º Chakra, localizado em Sintra.

⁶⁵ “A Estrela Algol”, Henrique José de Sousa.

⁶⁶ “As Mil e Uma Noites”, Henrique José de Sousa.

⁶⁷ Carta Revelação de 22/03/1963.

⁶⁸ “Arcano 4”, S. V. Vidal.

⁶⁹ Carta Revelação de 25/03/1963.

⁷⁰ Carta Revelação de 11/05/1959.

⁷¹ Carta Revelação de 2/01/1962.

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da concituação do Novo Humanismo e Renascentismo Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



**Comunidade Portuguesa de Eubiose
Priorado Sinárquico Eubiótico da Lusitânia**

www.cpeubiose.pt

www.facebook.com/cpeubiose

Apartado 4175
1504-001 LISBOA
cpe@cpeubiose.pt